

Deborah Berlinck

Correspondente • PARIS

Fim do ano? Não, fim do mundo. Neste conturbado 2009, o clima da pior crise econômica desde 1930 parece ter contagiado o cenário cultural, que encerra o ano com o filme-catástrofe "2012". Em Paris, uma mostra no Espace Topographie de l'Art, no Marais, até 13 de dezembro, reúne em torno do tema artistas de universos diversos: do cineasta polonês Piotr Szulkin e o suíço Michel Favre aos brasileiros Fabiana de Barros e Gustavo Speridião.

O curador da mostra, o brasileiro-suíço Adon Peres, inspirou-se num livro de Emmanuel Kant, "O fim de todas as coisas" (1795), para montar a exposição. No livro, o filósofo defende que a noção de "fim" é moral. Ou seja: nada, na realidade, acaba. Tudo se recicla e continua.

— A mostra traz esta noção de fim como ciclo que fecha mas começa outra coisa. Chegando ao fim, você se dá conta de que ele não existe. Mesmo o Apocalipse de São João acredita que a alma continuará vivendo num mundo que não conhecemos — diz Peres.

Artista alemão faz obra com fotos de tortura no Irã

A primeira imagem com que o visitante se depara ao entrar na exposição é um inferno dantesco real e palpável. A partir de um texto inédito do escritor francês Philippe Djian, o artista alemão Horst Haack produziu 29 trabalhos utilizando colagens, manchas, texto e fotos chocantes de pessoas torturadas no Irã. Djian é o autor de "37,2° Le Matin", o livro que inspirou o

O fim do mundo em obras do arte

Mostra em Paris reúne artistas que interpretam o fim como algo que continua



NICOLAS LETO e Clara Djian (à esquerda) imaginaram um fim apocalíptico; a brasileira Fabiana de Barros e o suíço Michel Favre recriaram Godard

filme "Betty Blue", de Jean-Jacques Beineix.

Os dois se encontraram numa exposição de Haack sobre o Apocalipse, em Paris. Djian gostou do que viu e Haack propôs: "Por que não fazemos algo juntos?" Dias depois, o alemão recebeu do escritor francês um texto poético com o título "O fim do mundo", em que descreve um mundo onde, na aparência, tudo dá certo. Num trecho, Djian escreve: "Ele esperou 50 anos e o fim do mundo não

veio... as pessoas sorriam... o ar estava bom, nenhuma menina estava doente..."

Haack conta que ficou chocado quando viu fotos de torturados no Irã. E quis fazer um trabalho com essas imagens. Veio a ideia do sujeito que prepara um belo jantar e come na frente da televisão, diante de imagens de um mundo miserável. O texto de Djian oferecia o contraste perfeito.

— Com um prato e um copo de vinho, o homem moderno

vê crianças famintas na televisão ao mesmo tempo em que saboreia um bom jantar. Criei esta obra para que pessoas pensem na condição de vida de muitos hoje — disse Hoorst.

Mas o que pensam os artistas do fim do mundo? Philippe Djian nem hesita:

— Já estamos! O mundo que nós sonhamos terminou. O que tentei exprimir no meu trabalho é que o fim do mundo não é necessariamente uma guerra, terremotos ou inundações. Para

mim, o fim do mundo é o fim de um mundo ocidental egoísta.

A ideia de fim como início de outro ciclo fica evidente no trabalho conjunto da artista paulista Fabiana de Barros e do cineasta suíço Michel Favre. Na obra "Ça va?", os dois recriaram um filme de 1968 de Jean-Luc Godard, "One+One", em que ele filma uma gravação dos Rolling Stones num estúdio de Londres e aborda ao mesmo tempo questões raciais, sociais e políticas da

época. Os artistas recriaram o filme de Godard usando o Second Life, jogo tridimensional na internet no qual pessoas do mundo real se reinventam no mundo virtual.

Obra a partir do encontro de Reagan e Gorbachev

Já o duo francês C.N. Jeldanti, formado por Clara Djian e Nicolas Leto, apresenta um vídeo que reúne imagens, fragmentos de pinturas que retratam o que seria o instante apocalíptico: bombas caindo, cidades explodindo ao som de músicas dúvida, apocalípticas. O suíço Peter Liechti lança-se num filme com imagens do encontro entre Ronald Reagan e o russo Mikhail Gorbachev, o último líder soviético da Guerra Fria. Andrei Muller e Gustavo Speridião embarcam num vídeo de viagens que fizeram pelo mundo — o que sustenta a ideia de que o fim de um ciclo marca o início de outro.

O cineasta polonês Piotr Szulkin, por sua vez, apresenta um longa-metragem que produziu nos anos 1980 chamado "O-bi, O-ba", em que conta a história dos sobreviventes de uma guerra nuclear que se refugiam numa cúpula gigantesca no alto de uma montanha: reproduzem, na precariedade, os mesmos vícios e hierarquias da sociedade destruída, enquanto esperam uma nave especial de uma civilização que virá salvá-los.

— Para mim, o fim do mundo é o fundo de nós mesmos — disse o cineasta, que viu as celebrações da queda do Muro de Berlim, no mês passado, com ceticismo. — Um muro é fácil de construir e destruir. O verdadeiro muro está na nossa consciência. ■

Deborah Berlinck